

The Meeting of Minds:

Sky Cries Mary and Democrash talk about the meaning of music

In a small restaurant in Chiado, our Coffee Time News team of Maria Calado, Francisca Falca and Maria Tomás interviewed two bands from opposite sides of the world. Seattle's Sky Cries Mary came together with Portugal's Democrash to talk music and what we have here is the result of that three-hour meeting. We thank all the guests who offered so much knowledge and wisdom during this meaningful and thoughtful interview. With no further ado let us introduce you to Sky Cries Mary's Bennett Ireland and Debra Reese, and Democrash's Rui Garrido, Ricardo Rezende, Zé Fontainhas and Vitor Martins. Please visit our website to read the entire interview. It is well worth your time.

Encontro de Mentas:

Sky Cries Mary e Democrash falam sobre o significado da música.

Num pequeno restaurante no Chiado, a nossa equipa do Coffee Time News, Maria, Francisca Falca e Maria Tomás, entrevistou duas bandas de lados opostos do mundo. Sky Cries Mary, de Seattle, uniram-se a Democrash de Portugal para falar sobre música e o que aqui temos é o resultado dessa reunião de três horas.

Agradecemos a todos os convidados que nos ofereceram tanto conhecimento e sabedoria durante esta entrevista significativa e atenciosa. Sem mais delongas, vamos apresentar-vos a Bennett Ireland e Debra Reese de Sky Cries Mary, e Rui Garrido, Ricardo Rezende, Zé Fontainhas e Vitor Martins de Democrash. Por favor visite o nosso site para ler a entrevista completa. Será um tempo bem gasto.

Francisca Falca: Do you view your bands and your music as your children? Are your bands a family type thing or are they more like business entities?

Ricardo Rezende: I don't think it's a business thing at all. We do it for love, for friendship and it started like this. We started playing the three of us together just because we wanted to play and then another member came and joined us. We started playing for the music to rip it out, so that's the thing until today. We didn't expect to go on for as long as we have. We have some songs on the radio and we didn't expect that to happen.

Bennett Ireland: We try to get into a universal sound and I believe our songs are our children. We dote over them by tweaking the mix and loving them. Two years I spent on *Everything Goes Somewhere*. Two years for that child.

Debra Reese: The dichotomy between thinking of a band as a business versus doing it for the love... there can be times when you think, "What's going on?" So, whatever you're doing you have to do it well and do it for that love.

Bennett Ireland: For me, I try to strike a balance between commerciality and try to make it so everyone likes it. What is something everyone would like? So, an album will have a regular radio song and I make sure we write a radio-friendly song and then we have our psychedelic, 15-minute stuff, so our album goes cosmic.

Zé Fontainhas: Maybe our songs are our children, but I don't think we, as a band, think of our songs as children or for any other purpose than that they are fun to play and we like playing them. I don't think we thought about it, because we didn't think we would ever get this far. We never thought about the commercial angle. So, if people like it...great! If people don't like it, oh well. Also, we got together later in life, so we were older. Most of us have families, so as far as I'm concerned, I already have a dysfunctional family... thank you. So, the band is not my family, they're my friends ... a group of friends, so the family logic does not apply. Of course, there is a particular kind of bond, I agree and maybe it's defined as not really friendship and it's not really family... it's something else, but no, it's not my family. As far as a business entity, we wish... we so wish we could be a business entity and making actual hard currency and get paid a lot, but that's not what's happening, but the purpose was to get together, play music and have fun. So, that's really our rationale.

Francisca Falca: Vê a sua banda e sua música como filhos? As suas bandas são do tipo familiar ou são mais uma relação de trabalho?

Ricardo Rezende: Eu não acho que seja uma coisa do trabalho. Nós fazemos isto porque adoramos, por amizade e começou assim. Começou com três, porque queríamos tocar e depois juntou-se mais um. Nós começamos a tocar por causa da música, então esse é o foco até hoje. Nós não esperávamos ter tocado tanto tempo como já tocámos. Nós já temos várias músicas na radio e nós nunca esperávamos que isso acontecesse.

Bennett Ireland: Nós tentamos entrar num "som universal" e eu acredito que as nossas músicas são como as nossas crianças. Nós damos-lhes uma atenção especial fazendo-lhes pequenos ajustes porque adoramos elas. Eu passei dois anos a trabalhar em *Everything Goes Somewhere*. Dois anos gastos nessa criança.

Debra Reese: A dicotomia entre pensar em uma banda como negócio versus fazendo-o por amor. Podem existir momentos que tu pensas, "O que está a acontecer?" Então, qualquer coisa que façamos, queremos fazer bem e fazê-la por aquele amor.

Bennett Ireland: Para mim, eu tento encontrar um balanço entre a parte comercial e tento fazê-lo para que todos gostem. O que é algo que todos gostem? Então, o álbum vai ter uma música normal na rádio e eu faço com que nós escrevamos músicas boas para a rádio, e depois temos o nosso

Zé Fontainhas: Talvez as nossas músicas sejam os nossos filhos, mas eu não acho que nós, como banda, pensamos que as nossas músicas sejam nossos filhos por qualquer outro motivo se não para o propósito de elas serem gírias de tocar e nós gostamos de as tocar. Eu acho que nós não pensámos sobre isso, porque não achámos que chegaríamos tão longe. Nós nunca pensamos sobre a parte comercial. Então, se as pessoas gostarem... ótimo! Se não gostarem, é uma pena. Além disso, nós juntámo-nos mais tarde na vida, então já eramos mais velhos. A maioria de nós tem famílias, então até onde me interessa, eu já tenho uma família disfuncional, obrigada. Então, a banda não é a minha família, são meus amigos... um grupo de amigos, então a lógica da família não se aplica. Claro, existe uma ligação, eu concordo e talvez não esteja definido como amizade nem como família... é outra coisa qualquer, mas não, não é a minha família. Como uma entidade de negócios, nós queremos... nós queríamos ser uma entidade de negócios e ganhar mesmo muito, e que nos paguem muito bem, mas não é o que está a acontecer, mas o propósito era juntarmo-nos, tocar música e divertimo-nos. Então, é essa a nossa lógica.

Maria Tomas: Seattle is internationally known as a music city due to the grunge scene. Since the peak of grunge has Seattle maintained itself as a music hotbed? How has Seattle and the “Seattle Sound” changed over the last ten or fifteen years?

Bennett Ireland: I’m not aware of any emerging scene in Seattle at the moment. Seattle’s predominant color palette is very green. Which makes it a beautiful cosmic place to live and create! In the winter (and during COVID), we leveraged the time as a sort of creative hibernation!

Debra Reese: Yeah, during COVID everything was closed! Many venues closed or struggled to stay in business. It feels as though they are just beginning to open up again. Venues expanded to add on outdoor/patio seating to safely bring folks back. I believe community is most important to the music scene no matter what city.

In Seattle, we have “Listener Powered Radio” (KEXP) along with a few low power student radio stations. There are weekly improv nights (Mo Jam Mondays at Nectar), where you can go on stage and improvise with other musicians! There is even Vera Project, a community center, venue, gallery, artists workshop for underaged youth! You can nerd out with other modular synth lovers at Patchwerks.

In hindsight, one could say that the 90’s came to the Seattle music scene, it exploded, then it was over. Like watching a meteor fall to earth! Think about it! 30 years later we travelled 5000 miles from Seattle to Portugal, to discover something new, musical influences from half a world away...jam with local musicians!

Bennett Ireland: That’s one hell of a zeitgeist! And you wouldn’t be wrong to get excited about new releases coming soon from our friends in Seattle’s own Love Battery, Ben Root, Caspian Coberly, and Monster Creep!

Maria Tomas: Seattle é conhecida internacionalmente como uma cidade da música devido à cena do Grunge. Desde o pico do Grunge, Seattle tem se mantido como o grande centro da música? Como é que Seattle e o “Seattle Sound” mudaram nos últimos dez ou quinze anos?

BENNETT IRELAND: Eu não estou sabendo de nenhuma cena surgindo por Seattle no momento. A cor predominante em Seattle é verde, que faz dela um lugar maravilhoso para viver e criar. No inverno e durante a COVID, nós aproveitamos o tempo como um tipo de hibernação criativa!

Debra Reese: Sim, durante a COVID tudo estava fechado! Muitas lugares estavam fechados ou tentando se manter.

Parece que estão só reabrindo agora. Os lugares onde os artistas tocavam começaram a abrir uma parte do lado de fora para tentar atrair clientes novamente. Eu acredito que a sociedade é o mais importante para a música não importa a cidade.

Em Seattle, nós temos o canal de transmissão na radio chamado “*Listener Powered Radio*” (KEXP) junto com alguns rádios das faculdades. Toda semana nós temos a noite do improviso (*Mo Jam Mondays at Nectar*), onde você pode subir no palco e improvisar com outros músicos! Tem até um centro comunitário, uma galeria, um auditório e um workshop para artistas menores de idade chamado de Vera Project. Você até pode se juntar com outros apaixonados por música sintetizadora no *Patchwerks*. Olhando para atrás, alguns podem dizer que os anos 90 vieram para o mundo da música de Seattle, elas explodiram, e depois acabou. Como assistir um meteoro caindo na terra!

Pensem nisso! Depois de trinta anos nós viajamos cinco mil milhas de Seattle para Portugal, para descobrir algo novo, influências musicais do outro lado do mundo e improvisos com músicos locais.

Bennett Ireland: Isso é um tipo de *zeitgeist*! E você não estarei errada de ficar empolgada com os novos lançamentos que estão vindo da nossos amigos de Seattle Love Battery, Ben Root, Caspian Coberly, e Monster Creep!

Maria Calado: All three of us are musicians who study at a conservatory. We have had colleagues who are exceptional musicians, but when they reached college age, their parents and the community turned them off to continuing studying music and pushed them to more traditional fields such as business and medicine. As experienced musicians and possibly parents, how do you feel about this? What would you say to young musicians like us?

Ricardo Rezende: It's a cliché, but you have to follow your dreams, so if you really want to be a musician, you have to be against your parents. It's a way of life, a way of living. You can't expect to drive a Tesla and have a house by the sea, but you will have your music and you will have food to eat and you'll pay your rent and you'll have a good life, but not a rich life, but it's not something you do to get rich like other jobs, so maybe your parents are saying that you have to be an engineer in your future or something like that, because music is not certain, but if you go for it and it's really your thing you'll make it.

Rui Garrido: Thinking you can be a musician is a bit difficult because you can't live on music in Portugal. That's a fact. Very few can live on music, so if you want to follow your dreams of just playing music, you got to be prepared to live without money, so that's what I think. We have got five members and we all have other jobs. We all do other stuff rather than music, so music is a fun thing for us and it's something we need to express ourselves.

Zé Fontainhas: I've actually thought about this a lot. I have three daughters more or less your age and they are at another level. You get to my age, in the sixties, and I reached the conclusion that I've been torturing myself for most of my life about playing music and having to have a job selling out and what I think today is, and I think young people should take this into consideration, that I have an addiction and my addiction is playing music. All else in my life is just a way of making money to support my addiction and that's it. I've had many addictions in my life and I've always earned money to support them. That's it. That's my conclusion. When people ask me if they should pursue their instrument or not, it depends on which objective you have. I say learning to play an instrument, learning to play music and getting involved with music is always a good idea. Any creative endeavor is a good idea. The best day to start focusing is yesterday. No, the second-best moment is yesterday, the best one is right now. It's not too late. Don't think that because there's some kid who's thirteen and playing so great that you can't do it. Who gives a shit? Anything that gives you peace, tranquility and wisdom, it's good, whether you make money or not.

Ricardo Rezende: Yes, it is difficult to make money with music, but in fact today, it is very difficult to make money as an engineer... you see lots of engineers working in cafes, because they don't have a job, so if you have a thing and if you believe in that and you have talent for that and are willing to work hard and have some luck, you will be able to do your thing.

Maria Calado: Nós três somos músicos que estudamos num conservatório, mas quando chegarmos à idade da universidade, os nossos pais e a comunidade não nos apoiarão para continuar a estudar música e vão empurrar-nos para áreas mais tradicionais como negócio e medicina. Como músicos experientes e possíveis pais, como se sentem sobre isto? O que diriam a músicos jovens como nós?

Ricardo Rezende: É um cliché, mas tu tens que seguir os teus sonhos, então se tu queres ser mesmo um músico, tu tens que ser contra os teus pais. É um estilo de vida, é um estilo de viver. Não consegues esperar para conduzir um Tesla e ter uma casa perto do mar, mas tu vais ter a tua música e vais ter comida para comer, tu vais pagar a tua renda e vais ter uma boa vida, mas não uma vida rica, não é uma coisa que tu fazes para seres rico como os outros trabalhos, então os teus pais dizem que tens de ser um engenheiro no futuro ou alguma coisa do género, porque música não é uma certeza, mas se tu fores em frente e se é mesmo o teu sonho tu vais conseguir.

Rui Garrido: Pensando que tu consegues ser um músico é um pouco difícil porque não consegues viver da música em Portugal. É um facto. Muitos poucos conseguem viver da música, então se tu queres seguir os teus sonhos simplesmente a tocar música, tens de estar preparado para viver sem dinheiro, é só o que eu penso. Nós temos cinco membros e todos nós temos outros trabalhos. Nós todos fazemos coisas para além da música, então música é uma coisa divertida para nós e é algo que temos de expressar.

Zé Fontainhas: Eu realmente pensei muito sobre isto. Eu tenho três filhas mais ou menos da tua idade e elas são outro nível. Chegas à minha idade, nos sessentas, e eu cheguei à conclusão que eu estava a torturar a mim próprio a maior parte da minha vida a tocar música e a ter um emprego tradicional e o que eu acho hoje, e eu penso que pessoas jovens deveriam levar isto em consideração, é que eu tenho um vício e o meu vício é tocar música. Todo o resto na minha vida é só uma forma de fazer dinheiro para sustentar o meu vício e é isso. Eu tive vários vícios na minha vida e eu sempre fiz dinheiro para os sustentar. É isso. Esta é a minha conclusão. Quando as pessoas me perguntam se eles devem seguir os seus instrumentos ou não, isso depende de qual é o objetivo que tu tens. Eu digo aprender a tocar um instrumento, aprender a tocar música e ser envolvido com música é sempre uma boa ideia. Qualquer esforço criativo é uma boa ideia. O melhor dia para começar a focar é ontem. Não, o segundo melhor momento é ontem, o melhor é hoje. Não é tão tarde. Não penses que por estar alguma criança de treze anos e a jogar muito bem, que tu não o podes fazer. Quem é que se importa? Alguma coisa que te dá paz, tranquilidade e sabedoria, é bom, não importa se tu ganhas dinheiro ou não.

Ricardo Rezende: Sim, é difícil fazer dinheiro com música, mas é um facto que hoje em dia é muito difícil de fazer dinheiro como um engenheiro... tu vês muitos engenheiros a trabalhar em cafés, porque eles não têm trabalho, então se tu tiveres algo, acreditares nisso, tiveres talento para isso, estas disposto a trabalhar duro e tiveres alguma sorte, tu vais ser capaz de fazer o teu algo.

Francisca Falca: If you could travel back in time for one minute and visit yourself when you were 25, what message or warning would you give yourself?

Ricardo Rezende: Keep some money, because when you are sixty, you'll want to have some money so you can enjoy life or invest in something that will give you money when you're older.

Zé Fontainhas: I know exactly what I would say at 25. I was playing in a couple of bands. Some of them were successful, others less so and I had given up on the band thing. I'm not a person who is well-

equipped to be with egos, so I became a studio musician and it was a shitty life. You have to understand that this was before drum machines, so if you needed a 2X2 or a 2X4 or a 4X4, you played exactly the same thing for three minutes and you would hire an actual human being who'd get bored doing it and I gave up on that because I thought it wasn't worth it. So, my recommendation to myself at 25 is don't give up... keep doing it, because you are on the cusp of being able to keep on doing that for the rest of your life, but I was too depressed and sad.

Rui Garrido: That's a good message. I like that one.

Zé Fontainhas: Don't listen to your parents.

Debra Reese: Listen to your parents! They are trying to help you survive and they are doing their best to share what they know. One day, they will be gone, you will miss them every day. You may need to scour your memories for their advice and intention. This will become a part of you as an adult.

At the same time, you get to live your own life! Learn from your mistakes.

Make more mistakes and make your own magic! Do your best, be yourself! Follow your passion, and keep practicing! There is no dress rehearsal for life. If making music makes you happy, you must make it! If you practice, and stay open to opportunity, music will find you. You may also find that your parents are still with you, only in abstract form.

Bennett Ireland: If I could go back in time, I wish I would have gone to conservatory and do what you guys are doing. I took two years of classical percussion, orchestral percussion, but I didn't want to take drumset lessons, because I wanted to have my own style and I just started working at fifteen at bars and stuff and then from there I went to Atlantic City, New Jersey where they have it like Las Vegas with casinos and I was the youngest, I was twenty-one, I was the highest-paid, youngest drummer in Atlantic City history, so I just kept going and then joined Sky Cries Mary, but still I wish I could read music better. I do read drum music, but I really wish I had done what you guys are doing to really go beyond what you know, so study hard and do that and I commend you for that.

Ricardo Rezende: Again, I still think you should set money aside, but don't waste time. Time is the most valuable thing, so it doesn't mean you have to be studying all the time and you should have good times with your friends, but doing nothing but spending time on the Internet or watching TV... don't do that... don't waste time because time is really everything.

Vitor Martins: I would say that if I were 25, I would like to focus more on studies. In my case, I didn't know what to study because I had a lot of directions I could have taken but for sure... study more than what I had studied would be the message to myself.

Francisca Falca: Se pudesses voltar atrás por um minuto e visitar o teu eu passado, quando tinhas 25 anos, que mensagem ou aviso dirias a ti próprio?

Ricardo Rezende: Guarda algum dinheiro, porque quando tiveres sessenta anos, tu vais querer ter algum dinheiro para aproveitares a tua vida e investir em alguma coisa que te vai dar dinheiro, quando fores mais velho.

Zé Fontainhas: Eu sei exatamente o que eu diria ao meu eu de 25 anos. Eu estava a tocar em algumas bandas. Algumas delas foram mais bem-sucedidas, outras menos e eu desisti da coisa das bandas. Eu não sou uma pessoa preparada para lidar com egos. Então eu tornei-me um músico de estúdio e foi

uma vida infeliz. Tens de entender que isto foi antes da caixa de ritmos, então se precisares de um 2 por 2, 2 por 4 ou 4 por 4, tu tocas exatamente a mesma coisa por três minutos e tu poderás ser contratado, um ser humano de verdade que se aborreceria a fazer isso, e eu desisti disso porque eu pensei que não valeu a pena. Então as minhas recomendações para o meu eu de 25 anos é não desistas... continua, porque tu estás quase a ser capaz de continuar a fazer isso para o resto da tua vida, mas eu estava muito deprimido e triste.

Rui Garrido: É uma boa mensagem. Eu gosto dessa.

Zé Fontainhas: Não ouças os teu pais.

Debra Reese: Ouve os teus pais! Eles estão a tentar ajudar-te a sobreviver e eles estão a dar o seu melhor e a partilhar o que sabem. Um dia eles vão partir e sentirás falta deles todos os dias. Talvez seja necessário vasculhar as memórias para procurar conselhos ou intenções. Isto será uma parte de se tornar adulto. E ao mesmo tempo tens que viver a tua própria vida! Aprenda com os teus erros. Dê mais erros e faça a sua própria magia! Dê o seu melhor, seja você mesmo! Segue as tuas paixões e continua a praticar! Se fazer música te faz feliz, deves fazê-lo! Se praticares e estiveres aberto a oportunidades, a música vai estar contigo. Também consegues encontra-la através dos teus pais e ainda estar contigo, apenas de maneira abstrata.

Bennett Ireland: Se eu pudesse voltar atrás no tempo, gostaria de ter ido para o conservatório e fazer o que vocês estão a fazer. Estudei dois anos de percussão clássica, percussão orquestral, mas não queria ter aulas de tambores, porque eu queria ter o meu próprio estilo e tinha começado a trabalhar em bares, depois disso fui para Atlantic City, Nova Jersey, onde é como Las Vegas, com casinos e eu era o mais novo, eu tinha vinte e um anos e era o baterista mais novo e bem pago da história de Atlantic City, então continuei e entrei no Sky Cries Mary, mas ainda assim gostaria de poder ler música melhor. Eu leio música de bateria, mas eu realmente gostaria de ter feito o que vocês estão a fazer para realmente ir além do que vocês sabem, então estudem muito e eu elogio-vos por isso.

Ricardo Rezende: Mais uma vez, ainda acho que vocês deveriam poupar dinheiro, mas não percam tempo. O tempo é a coisa mais valiosa, então não significa que vocês precisem de estudar o tempo todo, vocês também precisam de bons tempos com os vossos amigos, mas não fazerem nada senão perder tempo na internet ou na televisão... não façam isso, não percam tempo porque o tempo é tudo.

Vitor Martins: Eu diria que se tivesse 24 anos eu gostava de me focar mais nos estudos. No meu caso eu não sabia o que estudar porque tinha muitos rumos que poderia ter tomado, mas com certeza estudar mais do que estudei seria a mensagem para mim.

Maria Tomas: Sky Cries Mary has a long history and has gone through a lot of personnel changes. After all these years and member changes, how would you describe Sky Cries Mary and its journey?

Bennett Ireland: Sky Cries Mary started out thinking of ourselves as a bridge between the psychedelic sixties and the West Coast psychedelic scene and the future, which at the time was the eighties and the use of electronics including drum machines and sequencers. We went off on the technology, but we kept a psychedelic style with lots of improvisation in there too. There's a Sky Cries Mary sound that never stops and that's Cosmic Music, so it's always got this spacey, dream-like sound and we always have these steady rhythms and hypnotic beats. That's always stayed the same.

When Debra joined the band, I knew her and we were at my house hanging out, and I was playing the piano. She began to sing, and I asked her to keep going! That was when I first heard her magnificent voice. When Roderick came to visit, and I said, "Hey, listen to us play some sheet music together." Roderick asked me if Debra was our new singer. She'd never been in a band before. So, we sort of discovered Debra.

Debra Reese: Haha! Yeah, I got discovered! Up till then, I listened to my parents...

When I was young, my mother told me that my chances of being discovered at a soda counter and fronting a famous band were next to nil. A snowball's chance in hell! Better to play the lottery, or play in traffic! My parents encouraged me stop daydreaming, get a practical degree and find a straight job! Once my parents died, there was nobody there to discourage me. All the while, my dreams stayed with me. As if deep down I was meant for something else. When the opportunity presented itself to me much later in life. I had no choice but to pursue it! I'm in my fifties now, who is going to ground me or send me to my room?

The three of you are young and female. There will be many people that come along and they'll want to define you or discourage you. You'll meet guys who will discourage you or they'll try to take advantage of you. Sometimes they are worried you may outshine them. Watch out for the men!

Hold on to your truth and stay focused on remembering what your dream is!

I say, NEVER let anyone define or discourage you! Know your worth!

Bennett Ireland: What music do you think you'd like to play if you made a record?

Francisca Falca: At this moment, we play what our teachers tell us to play, at least for me on the violin, the music is based on classical music.

Ricardo Rezende: Other than that, is there anything else you want to play, because you can always put the classical music into other things like even pop music and do your own thing.

Zé Fontainhas: There is no classical music man. What's this classical? There is no classical music! There are only two types of music... there's good music and bad music and that's it. Even Bach... listen to Bach... it's the most rock and roll thing you'll hear.

Bennett Ireland: But what if you like some music and I don't or I like something and you don't?

Zé Fontainhas: That's the beauty of it. That's the beauty of it. You can say there's good music that I like or good music that I don't like and bad music I don't like or even bad music that I do like. I was fighting against the concept of people saying I don't like this music because it's not from a certain genre. They'll say it's good music, but not from a certain genre, so, therefore, they don't like or won't like it.

Maria Calado: Well, being a flute player, I would say that I do like classical music.

Rui Garrido: Oh, but that's just a cliché. It's just a cliché, because you have lots of flutes, violins, harps and cellos in rock music, like Jethro Tull.

Ricardo Rezende: Maybe one day you'll say, "Instead of playing classical music, now, I am making some pop music that I like." I believe you can open up more.

Rui Garrido: In fact, I think the flute can be a psychedelic instrument and you have a lot of psychedelic bands that use flute a lot, so it comes from classical.

Vitor Martins: I play the saxophone and never had any formal classes. I just try to make some good sounds and with time I learned to play better sounds and someone was able to hear my talent and wanted to play with me and my friends here in the band accepted me and my sound and liked me as I like them.

Bennett Ireland: You need to learn to write songs and start to do it right away... learn to write lyrics and just have fun with it and if you're on single-note instruments, learn to play chords. If you can write music, you can make a lot of money and do other things other than being in a band. You can compose songs and they're your babies and I think that's the best thing... your own songs, write your own songs. You need to start with lyrics... just walking down the street you might hear something weird and then you put a rhythm to it. Think of words and rhythm together and you can hear the songs. You can hear the songs in the air and you just have to pull them out of the air.

Debra Reese: Along with your classical training, just think of yourself as a sponge when you are out in the world and you're absorbing music. There's music in everything. The sounds of a trolley coming down the street. The sounds of your sneakers thumping in the dryer. Even the sound of silence. Also, people make very experimental music. For example, there was one guy I was listening to and he was playing the saxophone, yet it sounded like he was playing electric guitar. How the hell do you do that? But if you're always open to those different sounds, it can add something special. In an orchestra playing a classical piece, you need to play it perfectly so you blend in with the orchestra, but when you're out on your own, well, you can take that idea and you can twist it around and make it into something completely different. But just absorb, there is more music in the world out there. It's not possible for us to have heard all of the sounds that there are. You don't want to limit yourself and don't let teachers or parents or peers limit you. Have a strong personality and allow that to direct you.

Ricardo Rezende: Imagine this, that we in Democrash are looking for something in "Going Up, Coming Down" and we want to put a violin there or a flute there and we ask a classical musician to think of something to put there. Okay, so the song is pop or it's rock music, but you bring your classical background to create something that's classical, but at the same time it's cosmic, it's rock, I would love to ask you one day to play some violin for Democrash. It's something you can do for us, your classical thinking, but adding something to another type of song. There are many, many, many doors that you can just open a little bit and see if you want to keep opening one of these doors that will make you a better classical player.

Maria Tomas: O Sky Cries Mary tem uma longa história e várias mudanças de pessoal. Depois de todos estes anos e mudanças de membros, como descreverias o Sky Cries Mary e a sua jornada?

Bennett Ireland: O Sky Cries Mary começou conosco a pensar de nós próprios como uma ponte entre o psicadélico dos anos 60 e a cena psicadélica da Costa Oeste e o futuro, o que na altura eram os anos 80, e o uso de eletrónicos, incluindo caixas de ritmo e sequenciadores. Foi baseado nisto, mas nós mantemos o estilo psicadélico com muitos improvisos. Há um som do Sky Cries Mary que nunca para e isso é música cósmica. Portanto tem sempre esta atmosfera espacial, som dos sonhos e temos sempre um ritmo suave e linhas melódicas hipnotizantes, que permanecem sempre as mesmas. Quando a Debra se juntou à banda, eu conhecia-a e nós estávamos em casa e eu estava a tocar piano, e ela começou a cantar e eu disse para ela continuar. Foi quando ouvi pela primeira a sua voz magnífica. Quando o Roderick me veio visitar e eu lhe disse, "Ei, ouça-nos a tocar algumas partituras juntos."

Roderick perguntou-me se a Debra era a nossa nova cantora. Ela nunca tinha estado numa banda. Então nós meio que tivemos a sorte de descobrir a Debra.

Debra Reese: Sim, descobriram-me. Até aquele momento eu ouvia os pensamentos dos meus pais... Quando eu era mais nova, minha mãe me disse que as minhas possibilidades de ser descoberta do nada era praticamente nula. Uma em um milhão! Melhor jogar na lotaria, ou brincar no trânsito. Os meus pais encorajaram-me a parar de sonhar, e ir procurar o meu diploma e um trabalho. Quando os meus pais morreram, não tinha ninguém para me desencorajar. Porém os meus sonhos continuaram comigo. Como se lá no fundo eu fosse feita para outra coisa. E a oportunidade apareceu um bom tempo depois. Eu estou nos meus cinquenta anos agora, quem me vai castigar ou mandar me para o meu quarto.

Vocês três são jovens meninas. Haverá muita gente que vos quererá definir e desencorajar. Vocês vão conhecer homens que vos vão desencorajar ou tentar aproveitar-se de vocês. Às vezes eles estão só preocupados que vocês os ofusquem. Cuidados com homens. Tenham bem assente a vossa vontade e mantenham o foco nos vossos sonhos! Eu digo, NUNCA, deixem que alguém vos defina ou desencoraje! Conheçam o vosso valor!

Bennett Ireland: Qual é a música que gostarias de tocar se fizesses um lançamento?

Francisca Falca: Neste momento, nós tocamos o que os nossos professores dizem para tocar, pelo menos para mim no violino, a música é baseada em música clássica.

Ricardo Rezende: Além da música clássica, há alguma outra coisa que queiras tocar, porque podes sempre pôr a música clássica em outras coisas tipo a música pop e fazer a tua própria coisa.

Zé Fontainhas: Não existe música clássica, o que é esta música clássica? Não existe música clássica! Só há dois tipos de música... há a boa música e a má música e é isso. Mesmo Bach... ouçam Bach... é a coisa mais rock and roll que tu alguma vez ouvirás.

Bennett Ireland: Mas e se tu gostares de alguma música e eu não ou se eu gostasse de algo e tu não?

Zé Fontainhas: Essa é a beleza da coisa. Podes dizer que há boa música que eu gosto ou boa música que eu não gosto e má música que eu não gosto ou até má música que eu até gosto. Eu estava a lutar contra o conceito das pessoas dizerem que não gostam desta música porque não é de um certo género, então, portanto, não gostam ou não vão gostar.

Maria Calado: Bem, sendo uma flautista, eu diria que eu até gosto de música clássica.

Rui Garrido: Ah, mas isso é apenas cliché. É apenas cliché porque existem muitas flautas, violinos, harpas e violoncelos na música rock, como o Jethro Tull.

Ricardo Rezende: Talvez um dia dirás, “Em vez de tocar música clássica, vou tocar pop porque gosto.” Acredito que te possas abrir mais.

Rui Garrido: Na verdade, acho que a flauta pode ser um instrumento psicadélico e tens muitas bandas que usam a flauta, então vêm do clássico.

Vito Martins: Eu toquei saxofone e nunca fiz nenhuma aula formal. Tentei apenas tocar bons sons e com o tempo aprendi a tocar melhor e alguém foi capaz de reconhecer o meu talento e quis tocar comigo, os meus amigos da banda aceitaram-me a mim e ao meu som.

Bennett Ireland: Precisas de aprender a escrever músicas e começar a fazê-lo já... aprende a escrever letras e diverte-te com isso e, se tiveres instrumentos de nota única faz arpejos. Se aprenderes a fazer música podes ganhar muito dinheiro com isso e, fazer outras coisas além de estar numa banda. Podes compor músicas e elas serem os teus “bebés”, acho que é a melhor coisa... as tuas próprias obras. Precisas de começar pela letra... andando na rua, apenas, podes ouvir algo estranho e “colocar” um ritmo. Pensa em palavras e ritmos combinados e, podes ouvir as músicas. Podes ouvir as músicas no ar.

Debra Reese: Juntamente com a prática de música clássica, pensa em ti mesmo como uma “esponja” quando estás no mundo e absorves a música. Há música em todo o lado. Os sons de um elétrico a vir lá do fundo da rua. O som dos teus ténis a bater na máquina de secar. Até o som do silêncio. As pessoas também fazem muita música experimental. Por exemplo, havia um homem que eu ouvia tocar o saxofone, mas parecia estar a tocar guitarra elétrica. Com que raios é que se faz isso? Mas se estás sempre aberto a sons diferentes, podes acrescentar algo especial. Numa orquestra a tocar uma peça clássica, precisas de a tocar perfeitamente para poderes misturar-te com a orquestra, mas, quando estamos sozinhos, podemos pegar nessa ideia e torcê-la tornando-a algo completamente diferente. É só para assimilar porque há mais música no mundo. Não é possível que tenhamos ouvido todos os sons que existem. Não te deixes limitar e não deixes que os teus pais ou colegas o façam. Tenham uma personalidade forte que vos permita direcionarem-se.

Ricardo Rezende: Imagina, que Democrash estamos à procura de algo “Going Up, Coming Down” e queremos colocar um violino ou uma flauta e, pedimos a um músico clássico que pense em algo para isso. Okay, sendo então a música pop ou rock, esse músico tem o seu histórico clássico para criar algo que é clássico, mas ao mesmo tempo é cósmico, é rock. Eu adoraria pedir-vos isso a vocês. É algo que podiam fazer para nós, o vosso pensamento clássico, adicionado a outro tipo de música. Têm muitas, muitas portas que podem tentar abrir um pouco até conseguirem abrir uma, completamente e tornarem-se melhores músicos clássicos.

MARIA CALADO: What is the best thing happening in the Portugal rock scene and what is the biggest obstacle to its continued growth?

Ricardo Rezende: Beside Democrash, I’m Brazilian and I came to Portugal in the 1980s just for three months and I have been here for 35 years now. When I arrived in Portugal, Brazil had a real great music scene and when I arrived here the music was f**king shit and today I believe Portugal is in a great moment of music. Portugal has every kind of music mixing with Africa. You have rock with kuduro and there is a disco scene and in rock, sometimes I listen to bands I’ve never heard of and I believe Portugal is putting out some good music at the moment.

Rui Garrido: The most interesting bands for my tastes, a part from us, because I really do dig our sound. It’s a band called Unsafe Space Garden. I think I told you about that band and also 10,000 Russos, who are really good. It is a kind of a psychedelic band that I think you’ll all like. Also, Black Bombaim is really great... a really stoner sound and they worked with the German saxophone player Peter Brötzmann.

Zé Fontainhas: And the single biggest problem in Portugal is the lack of venues. There is a serious lack of venues. They are either built for twenty thousand people or are made for twenty-five people. Places in the middle really don’t exist and it’s a serious problem.

Rui Garrido: There are a lot of rockfests in Portugal, but we don’t have small places to play.

Zé Fontainhas: You know 150 to 300 people.

Ricardo Rezende: And being the chosen ones for the festivals is a luxury, because there are too many bands. We're also used to playing in clubs in Lisbon.

Maria Calado: Qual é a melhor coisa que está a acontecer no rock em Portugal e, qual é o maior obstáculo para o rock continuar a crescer?

Ricardo Rezende: Para além da banda Democrash... eu sou brasileiro e vim para Portugal nos anos 80 apenas durante três meses e, já estou aqui há 35 anos. Quando eu cheguei a Portugal, o Brasil estava a produzir, realmente, uma boa música e aqui a música era uma grande porcaria. Agora, eu acredito que estamos num bom momento musical. Em Portugal todo o tipo de música está misturado com África. Tu tens rock com kuduro e também existe *disco* no rock; às vezes, eu ouço algumas bandas que nunca ouvi falar e que, no momento, estão a lançar boa música.

Rui Garrido: As bandas mais interessantes para o meu gosto, além de nós, porque eu realmente gosto do nosso som. Há uma banda chamada Unsafe Space Garden. Eu penso que já falei dessa banda e também 10,000 Russos que são realmente bons. É tipo uma banda psicadélica que eu penso vão gostar. E também Black Bombaim é muito bom... um som muito "louco" e eles trabalharam com o saxofonista alemão Peter Brötzmann.

Zé Fontainhas: Há falta de sítios onde atuar, isto é o maior problema de Portugal. Há uma verdadeira falta de locais. Eles são construídos para vinte mil pessoas ou para vinte e cinco pessoas. Locais para lotação média não existem, isto é um sério problema.

Rui Garrido: Há muitos festivais de rock em Portugal, mas não existem espaços pequenos para tocar.

Zé Fontainhas: Por exemplo para 150 ou 300 pessoas.

Ricardo Rezende: E sermos escolhidos para um desses festivais é um luxo porque existem demasiadas bandas. Nós, também costumamos tocar em bares ou clubes em Lisboa.

FRANCISCA FALCA:

Music seems to me a double-edged sword. It can unite people with its harmony and bring us together to see how alike we are all. Music can also be a political tool that expresses political views and opinions that can divide us. Is there a balance there? How do you feel about what I have just asked?

Zé Fontainhas: That's the most complicated question ever. Leaving the question of unity and divisiveness aside, which I think is a little bit polarizing... so leaving that aside, my strong belief coming from the 1970s punk scene which is where I started playing... everything is political, every single thing is politics, even saying to someone, "I love you" is political because of the society we live in and who you can love, how you can love and when you can love. The simple act of saying, "I love you" is a political statement and the response to it is another political statement, so everything is political and I do not understand people who say that, "I don't make political music." Well, excuse me, but you do, because if you're doing a song supporting the system, you're doing politics or if you're fighting the system...

Rui Garrido: If you have something to say, it doesn't matter...

Zé Fontainhas: Yeah, I mean, if you have something to say, because people will go, "Oh, but the Sex Pistols were a political band... no, they weren't. They were a commercial band. The Clash is a political band, not the Pistols, so if you're doing it for commercial reasons, you're still doing politics, because

you're maintaining the status quo and continuing a system that's in place with just a new look. You can paint yourself punk and call yourself punk, but if it's with commercial motives, then you're still with the system and doing politics, but on the side of the system, so... music is a politic tool, because imagine how you can harmonize and unite together a bunch of Nazis... you can do that every day and it's called unity, but you could argue its divisiveness, because you're uniting a bunch of Nazis.

Ricardo Rezende: But pushing politics isn't against unifying people. Just look at what hip-hop did and does when it makes political statements. It is trying to unite everything. It wants to see black people with the same rights as whites, so it's a voice that tries to unify everyone. At points, hip-hop is conflict music, because it seems like they are making war to get to their objective, but the goal is to use music as an instrument ultimately for freedom and unity.

Zé Fontainhas: It's the tolerance paradox. Should you be tolerant of intolerance? And I'd say, no you shouldn't.

Debra Reese: The Beastie Boys summed it up best when they said, "You got to fight for your right to party."

Bennett Ireland: Also, I think that music transcends politics and politics doesn't necessarily have to be in music and I'd like to get away from that, but I'm speaking from an American perspective where we've had a Civil War and sometimes it seems like we're on the verge of another one... even a racial civil war. Debra is African-American and I'm white with some Arab in me and when we're on stage... that could even be perceived as political, but not on purpose, but it can be perceived as a message, so I do believe it's good to have different people and different races together...

Debra Reese: Different styles and influences all coming together as one is the best way to promote world peace.

Rui Garrido: I do disagree a bit with Zé when he says that everything is political. I can understand his point, but I think that today's music... you don't find much political music anymore like you had in the 60s, like for instance, music that is against war... you don't see that in today's bands... most just play lollipop music and I feel I can't hear any real message in most music nowadays. Of course, there are exceptions and there are good bands with messages, but I do miss music with meaning.

Ricardo Rezende: Music is more than reality. Since humans have existed, we've worked with music... we work and sing... we pray and sing, so it's kind of like this... the world could not exist without music.

Bennett Ireland: I agree completely.

Ricardo Rezende: It's everywhere. The Catholic Church has music. Political parties have music. Everywhere there is music, because it's so powerful... it's a powerful form of human expression. It's the most powerful way for a human being to express him or herself. You can sing with a person you don't know from anywhere.

Rui Garrido: And now we go full circle and get back to the original point of Francisca's question... does music unite people? Yes, music unites people. You have good examples ... picture this... music festivals... for example, a headbangers' festival with heavy metal music and the tribal feel of it with people all there to listen to that music and that's something really strong for them, so I think that's just one example.

Ze Fontainhas: But it should also unite us to pick up a baseball bat and f**k shit up.

Francisca Falca: A música parece ser uma espada de duas pontas. Ela pode unir as pessoas com a sua harmonia e juntar-nos para ver o quão parecidos somos. A música também pode ser uma ferramenta política que expressa pontos de vista políticos, e opiniões que nos podem dividir. Como se consegue algum equilíbrio? Como te sentes sobre o que te perguntei?

Zé Fontainhas: Essa é a pergunta mais complicada de sempre. Deixando a questão da união e divisão de parte, o que eu acho que divide um pouco... então, deixando isso de parte, a minha grande crença vinda da cena punk dos anos 70, que foi quando comecei a tocar... tudo é político, cada coisa é política, até dizer “amo-te” a alguém é política, e a resposta a isso é outra afirmação política, então tudo é política, e eu não entendo as pessoas que dizem que “não fazem música política”. Bem, desculpa-me, quando tu fazes uma música a ajudar ou a suportar o sistema, estás a fazer política, senão, estás a lutar contra o sistema.

Rui Garrido: Se tens algo a dizer, não interessa...

Zé Fontainhas: Sim, quer dizer, se tens algo a dizer, as pessoas vão dizer, “Oh, mas os Sex Pistols eram uma banda política” ... não, não eram. Eles eram uma banda comercial. The Clash são uma banda política, não os Pistols, então, se o estás a fazer por razões comerciais, ainda estás a fazer política, porque estás a manter tudo normal e continuas do lado do sistema que está em prática, apenas com um novo visual. Podes “pintar-te” de punk e chamares-te punk, só por motivos comerciais, ainda assim estás com o sistema e a fazer política, ao lado do sistema, então a música é um instrumento político, porque, imagina, tu podes harmonizar e unir um grupo de Nazis... tu podes fazer isso todos os dias e chamares-lhe união, mas pode dizer-se que é uma divisão, porque no fundo este grupo de Nazis promove divisão.

Ricardo Rezende: Mas promover os políticos não é estar a desunir as pessoas. Só se pensa no hip-hop quanto ao que fez, e ainda faz, quando expressa afirmações políticas. Está a tentar juntar as pessoas. Querem ver pessoas negras com os mesmos direitos que os brancos, então é uma voz que tenta unir toda a gente. Em alturas, hip-hop era música de conflito, porque parecia que eles estavam a fazer guerra para alcançar os seus objetivos, mas o objetivo era, afinal de contas, usar a música como um instrumento para a liberdade e a unidade.

Zé Fontainhas: É um paradoxo da tolerância. Devia ser tolerante de intolerância? Eu ia dizer que não.

Debra Reese: Os Beastie Boys concluíram da melhor forma quando disseram, “Tens de lutar pelo teu direito de festejar”.

Bennett Ireland: Além disso, eu acho que a música transcende a política e a política não precisa necessariamente de estar presente na música e eu gostaria de me afastar disso, mas estou a falar de uma perspetiva americana, onde nós tivemos uma guerra civil de raças. A Debra é Afro-americana e eu sou branco com um pouco de Árabe em mim e quando estamos no palco... podia até ser entendido como uma mensagem, então eu acredito que é bom ter diferentes tipos de pessoas e diferentes raças juntas...

Debra Reese: Diferentes estilos e influências todas juntas como uma das melhores maneiras para promover a paz mundial.

Rui Garrido: Eu discordo um pouco com o Zé quando ele diz que tudo é política. Eu consigo entender o ponto de vista dele, mas eu penso que a música de hoje, não encontras muita música política como tu encontravas nos anos 60, por exemplo, música só toca música superficial, e eu sinto que não consigo ouvir qualquer mensagem real na maioria da música de hoje em dia. Claro, há exceções e há boas bandas com mensagens, mas eu sinto falta da música significativa.

Ricardo Rezende: Música é mais que realidade. Desde que os humanos existem, nós trabalhamos com música... nós cantamos e trabalhamos... nós rezamos e cantamos, então é tipo isso... o mundo podia não existir sem a música.

Bennett Ireland: Concordo totalmente.

Ricardo Rezende: Está em todo o lado. A Igreja Católica tem música. Festas políticas têm música. Em todo o lado há música, porque é tão poderosa... é uma forma poderosa do humano se expressar. É a forma mais poderosa para um humano se expressar a si próprio. Tu podes contar com uma pessoa que não conheces de lado nenhum.

Rui Garrido: E agora nós vamos ao círculo completo e voltar atrás para o ponto original da pergunta da Francisca... a música une as pessoas? Sim, música une as pessoas. Tu tens bons exemplos... imagina isto... festivais de música... por exemplo, um festival dos headbangers com música de heavy metal e um sentido tribal disto com todas as pessoas a ouvir e há algo realmente forte para eles, então eu penso que é só um exemplo.

Zé Fontainhas: Mas também devia unir-nos para pegar num taco de basebol e estragar tudo.

Maria Tomas: We were listening to the release *Thieves and Sirens* and it is our favorite and has a special energy about it. The songs "Suitcase" and "Can't Stand It" are especially good. What kind of magic was happening during that recording? Why hasn't that release gotten more love?

Bennett Ireland: When *Thieves and Sirens* came out, Roderick and I reformed the group, and wanted to strip the music back to very basic Rock and Roll elements with an all-star lineup. It was exciting but short-lived Seattle supergroup.

Debra Reese: I think you have identified something here! The band was at a turning point in its development. With lineup shake-ups for sure! We had reformed the band with Ron Nine, the brilliant guitarist from Love Battery, and Kurt Danielson from TAD, two heavy hitters who helped define the Seattle Grunge sound. It was a very masculine dominated sound. There was also kind of a cosmic interplay or telepathy between players, but we were trying to redefine the sound. We put the album on Distrokid, and kind of forgot about it. It's kind of an underground release.

Bennett Ireland: It was truly a deviation, but I'm happy that you like it. I thought at the time we had failed our audience in some way. I am glad because I did write a lot of those songs, so I'll have to reconsider how I feel about the album.

Debra Reese: I'm really glad that you liked "Suitcase". That was the very first original Sky Cries Mary song I got to track! The song "I Can't Stand It" is a cover of a Lou Reed / Velvet Underground song.

Living in New York, Roderick became good friends with Lou Reed and his widow Laurie Anderson. We wanted to record a tribute to Lou, as he had a profound influence on our music.

When I was invited to join the band, I knew as a singer that I needed to rapidly assume the role of an understudy. I had to look back and honor the legacy of this band. It was daunting to consider the expectations of our fans. Should I try to meet those expectations? Or can I bring something entirely new by showing up as myself?

Lately, I've been listening to our back catalog with more intention. I can understand why you would ask about the *Thieves and Sirens* release. I guess another thing that happens when a band has a 35-year history. Once content is put out there, you need a Wayback Machine to find everything. Our band has at least two websites. There are also tracks that you'll find on Spotify, YouTube, Bandcamp, SoundCloud, not to mention deprecated platforms like MySpace, friendster or Napster. It's a fragmented landscape. Songs on the Internet can multiply and become ubiquitous or they can disappear into obscurity.

I've been searching for, and buying back our inventory, out of print records, sampler CDs, demos, cassettes, show posters. A few years ago, we were contacted by the family of a lifelong fan, who had recently died. The wanted us to inherit his music collection, which included bootleg recordings from memorable shows and other rarities. It's all very good music!

Maria Tomas: Estávamos a ouvir ao lançamento de *Thieves and Sirens* que é o nosso álbum favorito e tem uma energia especial. As músicas "Suitcase" e "Can't Stand It" são muito boas. Que tipo de magia vocês utilizaram durante as gravações? Qual é o motivo desse lançamento não receber a atenção esperada?

Bennett Ireland: Quando o álbum *Thieves and Sirens* foi lançado, Roderick e eu reformamos o grupo, nós queríamos voltar com elementos básicos do rock and roll na nossa música com os melhores músicos disponíveis. Foi emocionante, mas foi um super grupo de pouca duração.

Debra Reese: Eu acho que identificaste alguma coisa aqui! A banda estava num ponto de virada na sua desenvolvimento. Uma mudança de categoria! Nós tínhamos reformado a banda com o Ron Nine, o brilhante guitarrista dos Love Battery e Kurt Danielson dos TAD, dois grandes nomes que ajudaram a definir o estilo Seattle Grunge. Foi um estilo bastante masculino. Também foi um estilo onde os músicos usavam telepatia uns com os outros, mas nós estávamos a tentar a reconstruir esse género de música. Nós colocamos o nosso álbum no distribuidora Distrokid, foi um lançamento pouco conhecido.

Bennett Ireland: Foi claramente um desvio, mas estou contente que vocês tenham gostado. Na altura eu pensei que tínhamos falhado à nossa audiência. Eu estou orgulhoso, porque eu escrevi grande parte das músicas, por isso eu tenho que reconsiderar como eu me sinto sobre o álbum.

Debra Reese: Eu estou bastante satisfeita que vocês tenham gostado da música "Suitcase". Esta música foi a primeira música original dos Sky Cries Mary que eu cantei. A música "I Can't Stand It" é um cover da música Lou Reed / Velvet Underground. Roderick enquanto vivia em Nova Iorque tornar-se amigo de Lou Reed e a sua esposa Laurie Anderson. Nós queríamos gravar um tributo para Lou, pois ele teve uma grande influência na nossa música. Quando eu fui convidado para me juntar à banda, eu sabia, sendo cantora, que tinha que assumir rapidamente um papel substituto. Eu tinha que olhar para o passado e honrar o passado desta banda. Era assustador considerar as opiniões dos fãs. Eu deveria superar essas expectativas? Ou trazer uma coisa completamente diferente e nova por mostrar quem realmente sou?

Ultimamente, eu tenho ouvido o nosso último catálogo com mais intenção. Eu compreendo o porquê da pergunta sobre o álbum *Thieves and Sirens*. Outra coisa que aconteceu foi o 35º aniversário da nossa banda. Depois desse conteúdo ter saído, nós precisávamos de uma máquina do tempo para encontrar tudo. A nossa banda está pelo menos em dois websites. Também existe músicas que conseguimos encontrar no YouTube, Spotify, Bandcamp, SoundCloud, para não mencionar as plataformas mais antigas como MySpace, friendster ou Napster. São partes fragmentados. As músicas na Internet podem se multiplicar e se tornar universais ou elas podem desaparecer.

Eu tenho vindo a pesquisar e a comprar de volta o nosso inventário, os álbuns fora de linha, as amostras de CDs, as demos, os cassetes, e posters dos shows. Alguns anos atrás, nós fomos contactados pela família de um fã antigo, que tinha falecido recentemente. Eles queriam que nós ficássemos com as suas coleções de músicas, que incluía gravações ilegais de memoráveis shows e outras raridades. Todas as músicas são muito boas.

Rui Garrido: I have one question for you. Who came up with the name Sky Cries Mary?

Debra Reese: Roderick came up with the name of the band.

Rui Garrido: Because it seems to come from a Jimi Hendrix's song.

Bennett Ireland: Well, I can tell you this. If you ask Roderick that question, he'll give you a different answer every time, because when I first met him he asked me to join his band and I asked him how he came up with the name of the band and he told me a story about driving to Romania when there was a huge storm and when he looked out, there was a man carrying a pumpkin under his arm and he was yelling "Mary!" But then there was another time, he might mention Jimi Hendrix. He has lots of stories.

Debra Reese: It seems like Roderick told me that when he was studying theater and backpacking around Europe, he met someone from a French label, New Rose Lively Arts. They really liked his material and wanted to put it out. Only, he didn't have a name for it.

"You'll need to have a proper band name" and in the spur of the moment he suggested something very gothic sounding and gruesome. They hated the name, but encouraged him to come up with something more aspirational. Things progressed from there, and Sky Cries Mary was born.

That became Sky Cries Mary's first album *Until the Grinders Cease*.

Rui Garrido: Eu tenho uma pergunta para ti. Quem criou o nome Sky Cries Mary?

Debra Reese: Roderick criou o nome da banda.

Rui Garrido: Porque parece que veio da música Jimi Hendrix.

Bennett Ireland: Bem, eu posso te dizer isto. Se perguntares isso ao Roderick, ele vai te dar uma resposta diferente todas as vezes. Porque quando o conheci ele pediu-me para entrar na banda dele e eu perguntei-lhe como criou o nome da banda e ele contou-me uma história sobre quando ele viajou para Roménia de carro durante uma grande tempestade e quando ele olhou, havia um homem com uma abóbora debaixo do braço e ele estava a gritar "Mary!" Mas mais tarde ele mencionou Jimi Hendrix. Ele tem muitas histórias.

Debra Reese: Sim, também há uma história de como ele criou um nome tão negativo para a banda era perturbador. E alguém lhe disse que eles gostaram da sua música e queriam lançá-la, isso foi quando o álbum *Until the Grinders Cease* foi feito e o editor disse, "Tu precisas de ter um nome para a banda e então ele veio com um nome horrível, no momento e o editor disse que odiou, então ele veio com algo mais positivo e foi aí que começou Sky Cries Mary, tem sido o nome há cerca de 35 anos.

Maria Calado: We were listening to your music and our favorite is "Goin' Up and Comin' Down". It is almost an 8-minute song which seems a bit long for your typical song. Did you intend that song to go eight minutes or did it take on a life of its own?

Rui Garrido: Maybe that one is more than eight minutes. We had to cut it down a lot. I personally enjoy long songs, but sometimes we, in the band, don't share the same opinion. The problem with long songs is the airplay of the long songs. When you send long songs to the radio stations, they don't play the songs if they are long, so you have to do short songs as well.

Ricardo Rezende: But that's not why we don't make long songs. We're not really thinking about airplay.

Zé Fontainhas: No, we just get bored easily and keep playing.

Ricardo Rezende: I believe it's more difficult to make longer songs than shorter songs. A short song might have a riff you play for two minutes, like a punk song, so you are like "badda-badda-lauda-lauda-bang-boom-POW!" To make a long song, it's got to be more concentrated than that. We have five-minute songs and four-minute songs, so...

Rui Garrido: We have a song that is twelve minutes. We have a song called "Democrash" and there is a second version of the song that is twelve minutes.

Ze Fontainhas: With the "Democrash" song, the length was intentional and it is supposed to be repetitive. It's not a cosmic song. The intent was for it to be hypnotic.

Maria Calado: Nós tivemos a ouvir a tua música e a nossa favorita é "Going Up and Coming Down". São quase oito minutos de música que parece muito longo para uma música normal. Houve a intensão de ser oito minutos ou a música tomou vida própria?

Rui Garrido: Talvez essa tenha mais de oito minutos. Nós tivemos que cortar muito. Eu pessoalmente gosto de músicas grandes, mas às vezes na banda não partilhamos as mesmas opiniões. O problema das músicas grandes é o tempo que demoram a passar no rádio. Quando tu mandas músicas longas para as estações de rádio, eles não as tocam, então também tens de fazer músicas curtas.

Ricardo Rezende: Mas não é por isso que nós não fazemos músicas longas. Nós não estamos a pensar na rádio.

Zé Fontainhas: Não, nós apenas nos aborrecemos facilmente de continuar a tocar.

Ricardo Rezende: Eu acredito que é mais difícil fazer músicas longas do que músicas curtas. As músicas curtas devem ter uma sequência de notas a tocar por dois minutos, como música punk, é tipo "badda-

badda-luada-luada-bang-boom-POW!” Para fazer uma música longa tens que estar mais concentrado do que isso. Nós temos músicas de cinco minutos e de quarto minutos. Ó

Rui Garrido: Nós temos uma música de doze minutos, chamada “Democrash” e ainda há uma segunda versão dela também de doze minutos.

Zé Fontainhas: Com a música “Democrash”, o tempo de duração foi intencional e feito para ser repetitivo. Não é uma música cósmica. A intenção era de ser hipnótica.

FRANCISCA FALCA: Improvising seems like an important element of both rock and jazz. How do you develop your instincts to improv? How does that work?

Rui Garrido: The song just flows. It can start on a bass riff or guitar riff or a drum beat or something on the saxophone and we all get together and start to play. Most of the songs we have done just happen like that.

Zé Fontainhas: I don’t know how other people do it, but I guess there are so many ways for improvisation to happen. I think in our case it’s familiarity... the fact that we know each other fairly well and you can more or less anticipate where the person is going on that particular day, because it could go somewhere else on another day, so the fact that we know each other lets improvisation have a place among us.

Rui Garrido: There’s a thing that is quite important as well, Octavio, the singer, has a lot of lyrics always ready to plug into some songs and sometimes we start to play something that we’re not totally focused on and he starts to sing and it’s just a song.

Ricardo Rezende: There are two levels of improvisation. I’m not talking about the one type where you are doing a solo improvisation. For example, I myself, I don’t play solos on the bass, but everything in our music starts from improvisation. We have forty released songs and only two or three were songs where a member came and said, “Here, I have this song.” All the other songs came from improvisation, so the drummer comes up with a beat and I start in with the bass and Rui puts in a guitar and Octavio has a lyric that we see if it will work with the beat or sometimes he is just vocalizing and he comes back later with the actual lyrics, but almost every song come from improvisation.

Bennett Ireland: The album *Secrets of a Red Planet*, which is previous to our latest release... well, I set it up so that the band would have to improvise. The day before the band went into the studio, me and the bass player... well, we set up all the stuff and we put together a lot of stuff and Roderick, the singer, and I would tell the others to follow us and as we played we would suggest things to the other musicians. I believe that humans do have telepathy and it’s musicians who have it naturally because just look at these guys, Democrash, who have been together so long that one guy knows what the other guy is going to do almost before he even does it and then you see it and think, “I’m going to do this after he does that.” Now, another guy hears what’s going on and thinks, “I’m going to jump in on that too.”

Francisca Falca: Improvisar parece ser um elemento importante tanto para o jazz, quanto para o rock. Como é que tu desenvolveste o teu instinto para o improviso? Como é que funciona?

Rui Garrido: A música apenas flui. Pode começar com uma linha melódica de um baixo, uma guitarra, um ritmo de bateria ou até mesmo com um saxofone e nós juntamo-nos todos e começamos a tocar. A maior parte das nossas músicas aconteceram assim.

Zé Fontainhas: Eu não sei como as outras pessoas fazem, mas eu presumo que existem várias maneiras de improvisar. No nosso caso é familiaridade ... o facto de nos conhecermos uns aos outros muito bem e nós conseguimos mais ou menos prever o que a pessoa vai tocar nesse dia, porque pode ser completamente diferente noutro dia, o facto de nós nos conhecermos bem o improvisado tem um espaço connosco.

Rui Garrido: Existe outra coisa bastante importante também, Octávio, o cantor, tem sempre novas letras prontas para adicionar a algumas canções e por vezes nós começamos a tocar qualquer coisa em que nós não estamos concentrados e ele começa a cantar e surge uma canção.

Ricardo Rezende: Há dois níveis de improvisação. Eu não estou a falar do tipo em que nós estamos a fazer um solo de improviso. Por exemplo, eu não faço solos no baixo, mas tudo na nossa música começa com um improviso. Nós temos quarenta músicas lançadas e apenas duas ou três são músicas em que um membro da nossa banda aparece e diz, "Aqui, eu tenho esta música." Todas as outras músicas surgiram do improviso, o baterista cria um ritmo, depois eu introduzo o baixo, o Rui mete a guitarra e o Octávio tem uma letra que nós avaliamos se vão funcionar com o ritmo que criámos, ou, às vezes ele está apenas a fazer uma vocalização e depois ele aparece com a letra final, mas a maior parte das nossas músicas vêm do improviso.

Bennett Ireland: O álbum *Secrets of a Red Planet*, que é um dos nossos últimos lançamentos, eu criei-o de uma maneira que nós pudéssemos improvisar no futuro. No dia antes da nossa banda ir ao estúdio, eu e o baixista, organizámos todas as coisas com o Roderick, o cantor, eu dizia aos outros membros da banda para nos seguirem e enquanto tocamos eu dava sugestões para as outras músicas. Eu acredito que os humanos têm telepatia e os músicos têm isso naturalmente, porque basta apenas olhar para eles, Democrash, que tem estado reunidos por tanto tempo que qualquer um deles sabe o que o outro vai fazer quase antes deles o fazerem e eles pensam, "Vou fazer isto assim que ele fizer aquilo." Agora, outro membro ouve o que está a acontecer e pensa: "Vou-me juntar àquilo."